

O FÓRUM SOCIAL MUNDIAL EM BELÉM DO PARÁ¹

JANEIRO 2009

Michael Löwy

Como é sabido, o Fórum Social Mundial foi criado por uma iniciativa de movimentos sociais em 2001, como um contraponto ao Fórum Econômico Mundial de Davos, uma prestigiosa conferência das elites financeiras e políticas do mundo capitalista Ocidental. O FEM logo se tornou uma importante ponto de convergência planetária para movimentos populares – sindicatos, associações de trabalhadores rurais, movimentos de mulheres, redes ecológicas –, ONGs, intelectuais e jovens, unidos por sua oposição ao neo-liberalismo - “O Mundo não é uma Mercadoria” - e suas esperanças por mudança: “Um Outro Mundo é Possível!”. De fato, o Fórum é apenas a parte mais visível de algo mais amplo, o Movimento por Justiça Global – *altermundialista* em espanhol ou português – um “movimento dos movimentos” em nível mundial, nascido em 1999 com os protestos de massa em Seattle contra a Organização Mundial de Comércio. Após várias reuniões na cidade brasileira de Porto Alegre, o FSM foi transferido para Mumbai e depois para Nairóbi, e agora retorna ao Brasil. Mas desta vez ocorreu na cidade amazônica de Belém, capital do Estado do Pará (cuja área é quase duas vezes e meia a da França), entre os dias 27 de janeiro a 1 de fevereiro de 2009.

Diferente da reunião de Nairobi, que foi um quase-fracasso, esta foi muito bem sucedida: 130 mil participantes, 2.400 *workshops*, e muitos debates interessantes. Metade dos delegados veio de Belém e do Estado do Pará; cerca de 30% de outras áreas do Brasil, e os outros 20% de outros países, em sua maior parte da América Latina e Europa. Alguns participantes asiáticos e africanos conseguiram estar presentes, apesar da longa distância e das altas despesas. Muitos dos delegados eram jovens e mulheres, e lá estiveram, pela primeira vez, muitos milhares de indígenas, da floresta amazônica ou da Cordilheira dos Andes. Apesar do calor (terrivelmente úmido), das chuvas tropicais (torrenciais), e de muita lama sob os pés, a atmosfera era alegre e agradável. O Fórum ocorreu em dois locais,

¹ Tradução de Joe Garcia – Professor Adjunto do PPGED – Mestrado em Educação da UTP joe@sul.com.br

o Campus da Universidade Federal do Pará e o da Universidade Rural do Pará, que eram supostamente próximos entre si, mas era quase impossível deslocar-se de um para o outro. A única forma prática de transporte era através de pequenos barcos no rio – um afluente do Amazonas – que nos levavam de um Campus ao outro. As atividades mais importantes ocorreram sob grandes tendas na Universidade Rural, que estavam a vários quilômetros da entrada do Campus. Felizmente, alguns “taxis-bicicletas” estavam disponíveis para pessoas mais idosas, como o autor destas notas.

A característica mais notável do Fórum foi sua diversidade: milhares de iniciativas, desde amplas plenárias contra o capitalismo, até pequenos workshops sobre Esperanto ou softwares livres. Obviamente, a questão da floresta amazônica e dos povos da floresta – comunidades indígenas, seringueiros, castanheiros, ribeirinhos, etc. – estava no centro dos debates. O primeiro dia do encontro foi um Fórum Pan-Amazônico. Algumas outras questões estiveram presentes em muitas reuniões e mesas-redondas: a crise econômica e financeira, a crise ecológica, a crise de alimentos. E uma idéia emergiu de uma raiz comum a todas aquelas atividades: a crise da civilização, a crise do capitalismo ocidental, da civilização moderna industrial. Esse tema foi tratado sob formas próprias, pelos delegados indígenas, pelos ecologistas, por marxistas e feministas.

Pessoalmente, eu participei, como palestrante e ouvinte, em diversos eventos sobre ecossocialismo. Entre eles, uma reunião realizada sob uma ampla tenda que reuniu cerca de 500 pessoas. Foi distribuído um manifesto ecossocialista internacional, em português e inglês, e muitas pessoas decidiram se associar a rede ecossocialista brasileira.

Cinco presidentes progressistas de países latino-americanos participaram do Fórum, como convidados: Luis Inácio Lula da Silva (Brasil), Hugo Chaves (Venezuela), Evo Morales (Bolívia), Fernando Lugo (Paraguai), Rafael Correa (Equador). Suas participações obviamente credenciaram a importância do Fórum. Ocorreu um encontro que reuniu os cinco presidentes, assistida por milhares de pessoas, e no dia seguinte houve uma reunião dos movimentos sociais com quatro deles, considerados em sintonia com o espírito anti-imperialista e anti-neoliberal do evento. Ausente do grupo estava Lula, visto como muito moderado e muito favorável as grandes corporações.

O espírito do Fórum Social Mundial de Belém foi muito explicitamente anticapitalista, de um modo ainda mais evidente

que nas reuniões anteriores. As correntes fortemente esquerdistas na América Latina e a crise econômica mundial provocaram certa radicalização entre os participantes do Fórum. Isso ficou visível nos documentos aprovados em várias assembléias temáticas, que ocorreram no último dia do Fórum, e em particular no documento apresentado pela assembléia dos movimentos sociais – Via Campesina, União de Trabalhadores, Justiça Climática, Marcha Mundial de Mulheres, etc. – que afirma:

“Estamos diante de uma crise global provocada pelo capitalismo que não tem saída neste sistema. (...) Esse sistema se rege pela exploração, pela competição exacerbada, pela promoção do interesse privado individual em detrimento do coletivo e pela acumulação frenética de riqueza por parte de um punhado de caudatários. Gera guerras sangrentas, alimenta a xenofobia, o racismo e os extremismos religiosos; agudiza a opressão das mulheres e incrementa a criminalização dos movimentos sociais. (...) O processo de emancipação social perseguido pelo projeto ecologista, socialista e feminista do século XXI, aspira a libertar a sociedade da dominação exercida pelos capitalistas sobre os grandes meios de produção, comunicação e serviços, apoiando formas de propriedade de interesse social.”

O documento dos movimentos sociais também propõe uma agenda de mobilizações internacionais, em solidariedade a Palestina (30 de março), contra a OTAN (4 de abril), pela Mãe Terra e contra a mercantilização da Vida (12 de outubro).

Obviamente o Fórum não pode substituir os movimentos sociais, os partidos políticos ou os governos (de esquerda), mas é um espaço único onde pessoas de diferentes origens e culturas compartilhar experiências e aprender uns com os outros. É um celeiro para uma cultura internacional de resistência e luta, para a discussão de proposições práticas e para a invenção de utopias. Os participantes sabem que o Fórum não irá mudar o mundo ou depor os poderes vigentes, mas eles acreditam que este pode tornar-se uma fonte de esperança e inspiração para todos aqueles que, ao redor do mundo, buscam por alternativas radicais. Em outras palavras, o Fórum pode, torna-se um pequeno grão de areia nas engrenagens do Sistema.